



Vol. 33, nº 2 (2026)

O ESTATUTO DA PERSONAGEM FLORITA EM *ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM

THE STATUS OF THE CHARACTER FLORITA IN MILTON HATOUM ORPHANS OF ELDORADO

Eulisson Nogueira de Sousa¹

Recebimento do texto: 15/01/2026

Data de aceite: 05/02/2026

Resumo: Este artigo propõe refletir a posição da personagem Florita na novela *Órfãos do Eldorado* (2008), do escritor amazonense Milton Hatoum. Florita, mulher dotada de mistérios, e assim como a natureza, por vezes não humanizada, pertencente a um entrelugar: o pertencer e o não pertencer, a partir de sua vivência como nativa torna-se o elo entre as vozes vindas da floresta, que falam das tradições, dos costumes e dos mitos e aquelas que chegaram à Amazônia com um olhar eurocêntrico e colonizador. Diante disso, para a reflexão a respeito do estatuto da personagem, da subalternidade e da posição dos povos tradicionais ante o eurocentrismo, lançamos mão de autores como Carlos Reis (2015), Antonio Candido (2014), Aníbal Quijano (2005) e outros que contribuam para a construção deste texto, a fim de evocar na literatura de expressão amazônica, a importância da personagem Florita, que apesar da subalternidade que ecoa do seu lugar de mulher indígena e subjugada, torna-se fundamental para configuração de uma narrativa que dá vazão à cosmogonia local.

Palavras-chaves: Amazônia. Feminino. Subalterno. Milton Hatoum. Personagem.

Abstract: This article aims to reflect on the position of the character Florita in the novel *Órfãos do Eldorado* (2008), by Amazonian writer Milton Hatoum. Florita, a woman endowed with mysteries, and like nature, sometimes not humanized, belonging to an in-between place: belonging and not belonging, based on her experience as a native, becomes the link between the voices coming from the forest, which speak of traditions, customs, and myths, and those who arrived in the Amazon with a Eurocentric and colonizing gaze. In view of this, for reflection on the status of the character, subalternity, and the position of traditional peoples in the face of Eurocentrism, we draw on authors such as Carlos Reis (2015), Antonio Candido (2014), Anibal Quijano (2005), and others who contribute to the construction of this text, in order to evoke in Amazonian literature the importance of the character Florita, who, despite the subalternity that echoes from her place as an indigenous and subjugated woman, becomes fundamental to the configuration of a narrative that gives rise to the local cosmogony.

Keywords: Amazon. Feminine. Subaltern. Milton Hatoum. Character.

1 Introdução

A gente quer entender uma pessoa, só encontra silêncio.
(Arminto Cordovil. *In* Milton Hatoum)

Apesar de ser uma importante categoria narrativa na construção do enredo, a personagem por muito tempo viveu na penumbra dos gêneros narrativos (Reis, 2015) em relação a outras categorias como o tempo, enquanto categoria narrativa, o narrador, com maior ou menor justificativa epistemológica, e outros elementos presentes na construção de

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Tangará da Serra-MT. E-mail: eulisson.nogueira@unemat.br



enredos. Fato este que pode ser observado em diversas análises produzidas pela crítica literária clássica, que deixaram em segundo plano o estado de ação e a relevância da personagem na arquitetura de uma obra.

Nesse sentido, falar e pensar a narrativa, é simultaneamente pensar a personagem, a sua vida, os problemas, as questões que a envolve e os destinos para ela traçados dentro dos diversos gêneros narrativos. Ou seja, não se pode pensar a narrativa sem pensar o estatuto da personagem. Como afirma Antônio Candido (2014, p. 53), em *A personagem do Romance*: “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo”, por isso, é ela quem concretiza a relação entre o ser vivo e o ser fictício. É através dela que o leitor se vê, se sente pertencente à obra e estabelece um diálogo entre o objeto narrado e a sua vivência.

As personagens, afirma Carlos Reis (2015, p. 29), em *Pessoas de livros. Estudo sobre a personagem*, “significam alguma coisa para o leitor, porque a transfiguração impõe a dinâmica transficcional que o leva a reconhecer aqueles componentes psicossociais como fazendo parte do mundo do leitor”. Em suas ilações, o autor ao falar do estado atual dos estudos narrativos em relação às personagens reflete a “dimensão transhistórica” que escapa do controle do projeto literário e de como a “reconfiguração icônica de personagens literárias” que “favorece leituras desdobradas”, ou seja, uma descoberta de aspectos mais profundos dessa categoria narrativa, lançam luz a este importante elemento na construção das obras.

A presença das personagens perpassa uma ideologia, há uma razão de ser dentro da obra, uma importância na arquitetura e construção do enredo, nesse sentido, as personagens resultam na centralização do desenvolvimento romanesco. “A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos” (Candido, 2014, p. 54). É o que se pode observar, no princípio da permutação (Reis, 2015) proposta por Genette que recupera a ideia da interpretação por transferência e promove a passagem de entidades narrativas entre o mundo real e o ficcional. Nas palavras de Antonio Candido (2014, p. 54):

Os três elementos centrais dum desenvolvimento novelístico (o enredo e a personagem, que representam sua matéria; as ‘ideias’, que representam o seu significado, - e que são no conjunto elaborados pela técnica), estes três elementos só existem intimamente ligados, inseparáveis, nos romances bem realizados. No meio deles, avulta a personagem, que representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc.



Diante da importância da personagem na arquitetura do romance, conforme aponta o crítico literário, e das discussões empenhadas pela crítica a partir do século XIX em relação a esta categoria narrativa, escolhemos como recorte neste artigo, a análise do estatuto da personagem indígena Florita, na novela *Órfãos do Eldorado* (2008), de Milton Hatoum. Ainda que não sendo a protagonista ou personagem principal na narrativa, é ela que a quase tudo vive e sobrevive e que de modo regular e constante está presente nas idas e vindas de outras personagens, bem como no decurso temporal e memorialístico que permeia o enredo hatouniano.

A priori, observamos que as personagens femininas são de suma importância nas narrativas hatounianas, pois marcam a força da representação da mulher, que foge ao enquadramento padronizado de um sistema patriarcal marcado pelo silenciamento, pela submissão, pela subalternização dos corpos e pela busca por identidades. Mulheres imigrantes, donas de casa, indígenas, conhecedoras dos segredos, dos mitos e das tradições locais, filhas “rebeldes”, que fogem à padronização social e outras que se fazem presente nas linhas do autor amazonense.

2 Órfãos do Eldorado: marcas da literatura de expressão Amazônia

Órfãos do Eldorado (2008) é uma novela escrita pelo consagrado autor manauara Milton Hatoum, sob encomenda da editora Companhia das Letras, para integrar a coleção “Mitos”. A novela, pelo título, nos remete ao secular mito da cidade encantada no fundo das águas dos rios amazônicos, mito este que influenciou na vinda de aventureiros e exploradores à Amazônia e que “fala da existência de um cacique que se banha numa lagoa e após o banho de água, recebe um banho de outro em pó” (Pizarro, 2012, p. 79), o que levou a “expedições de aventureiros que percorrem os espaços amazônicos em busca de Paititi ou de Manoa” (Pizarro, 2012, p. 79), reforçando a construção identitária a partir do imaginário. Mitos e lendas há muito circundam os espaços amazônicos, as comunidades e os sujeitos que dele fazem parte e são, na verdade, elementos de sua cosmogonia.

A Amazônia é um celeiro de produção de discursos do imaginário e dos encantamentos, os quais fazem parte da cultura imaginantes dos sujeitos que habitam a grande hileia, lugar impregnado, em um sentido de crença, pelo caráter do belo e da epifania. Essas formas de construção social, fincadas no imaginário, estão presentes em todos os



âmbitos sociais, desde as comunidades ribeirinhas aos moradores das grandes cidades banhadas pelos rios. Como afirma João Jesus de Paes Loureiro (2015, p. 110-114):

a Amazônia torna-se um fertilíssimo campo de germinação para as produções do imaginário do homem, na fruição, no compartilhamento, na intervenção ou na explicação simbólica de sua realidade. [...] A Amazônia parece ser um grande signo modulado pelo tempo. [...] o tempo parece ocupar o lugar do próprio espaço. [...] *Locus* do devaneio, cujas medidas físicas desaparecem e cujos contornos se tornam *sfumatos*, graças a um livre pacto entre imaginário e a realidade.

Milton Hatoum traz para o centro de sua novela esse sistema cosmogônico, unindo personagens de diversas naturezas: nativos, ribeirinhos, indígenas e citadinos. Estes, sob a influência dos locais acabam por conceber os mesmos valores culturais, sociais e de crenças, como é possível observar na própria fala do autor que, em entrevista à Folha de São Paulo, na seção Ilustrada, em fevereiro de 2008, afirma que a novela veio de uma inspiração das histórias de amor contadas pelo avô.

Vila Bela é uma cidade inventada, mas tem muitos traços de Parintins, que fica no médio Amazonas. Estive lá nos anos 60 e encontrei o mesmo velho que falou com meu avô, mas ele se recusou a me contar. Escrevi a novela a partir da memória da história contada pelo meu avô e do mito amazonense da Cidade Encantada (Hatoum, 2008, p. 2).

As histórias orais estão presentes no veio do homem e da mulher amazônida, que mantém uma íntima relação com seres humanos e não humanos. A relação entre encantados e encantarias se confunde com a história de um órfão de família abastada que vê toda a sua riqueza em ruína após a desvalorização da borracha e a busca cega por um amor impossível. Uma mescla entre a economia que declina e a vida de um jovem apaixonado por uma mulher que diziam os ribeirinhos ser uma encantada e moradora do fundo das águas. A literatura de expressão amazônica tecida pelo autor trata das questões locais, mas sem ceder aos exotismos empregados pelo olhar do Outro na região.

2.1 Florita: entre a subalternização e o quase lugar

“Amando entrou no meu quarto com uma moça e disse: Ela vai cuidar de ti. Florita nunca mais arredou o pé de perto de mim” (Hatoum, 2006, p. 16). A história de Florita, contada por Arminto, narrador-personagem, é semelhante à de outras meninas indígenas capturadas e retiradas de suas comunidades para servir às famílias mais ricas do médio Amazonas. Na fuga de alguns empregos da propriedade de Amando Cordovil, ela “tinha sido capturada por Almerindo, que depois foi ser o caseiro em Vila Bela” (Hatoum, 2008, p.



69). A visão colonizadora de Amando reforça a visão subalterna sobre o qual essas mulheres são colocadas: “Pobre e corajosa, dizia Amando. Não quis fugir com os preguiçosos, largou a família para trabalhar e viver melhor” (Hatoum, 2008, p. 69). A história de Florita se confunde com a de Domingas em *Dois Irmãos* (2006) ou a de Naiá, em *Cinzas do Norte* (2010), histórias de mulheres indígenas que se cruzam pelos mesmos fatores: a escravização, a exploração, a subalternização.

Meu pai levou a moça para o palácio branco, e lhe comprou roupa e sandálias. Em Vila Bela ela estudou e ganhou um nome, com batismo cristão, festejado. Amando dizia que era uma cunhatã de confiança. Essa moça me criou. A primeira mulher na minha memória. Florita. Anos depois, também em Vila Bela, uma tarde em que ela dormia na rede, entrei no quarto e fiquei observando o corpo nu. Tive um suto quando ela se levantou, tirou minha roupa, me levou para dentro da rede (Hatoum, 2008, p. 69).

A jovem indígena tinha praticamente a mesma idade do filho do patrão e, no entanto, foi quem o criou, o serviu e o ajudou a entender a cultura e a forma de vivência do lugar, as histórias contadas pelos ribeirinhos, as crenças e a visão de mundo. A história desta personagem, “o destino de muitas filhas pobres da Amazônia”, é a da história tantas vezes ditas das meninas e mulheres que de alguma forma tiveram suas vidas transformadas pela ação do Outro, por aqueles que se colocavam em lugar de superioridade exercendo o domínio dos seus corpos. É a indígena, a tapuia, que sabe dos segredos que permeiam a vida familiar dos Cordovil e carrega consigo a vivência e a essência dos sujeitos amazônicos; é o amor de criação, de mãe, o erótico, a primeira volúpia de Arminto, sua abertura para o mundo ou para os mundos.

Revelada a partir do ponto de vista de Arminto, Florita é uma personagem complexa: primeiro ela é a cuidadora, a que instrui e aconselha; depois ela é amante, a que deseja e sente ciúmes. Há um duplo papel em Florita, um conflito de desejos que não podem ser satisfeitos, tampouco descobertos ou vividos. Quem é ela?

A cunhatã pertencente a um quase lugar era parte do que sobrara de uma família de empregados fugidos das mãos de Amando Cordovil, pai de Arminto, que explorava a região e a população local. O característico colonizador que não assente o modo de vida do nativo, suas crenças e tradições e que após a captura e a inserção naquele novo lugar o faz com que se sinta como “pessoa da família”, uma relação de dívida e gratidão, uma vassalagem à amazônica. Na concepção de Amando, Florita não quis fugir com os outros indígenas, porque, segundo ele, os outros eram preguiçosos, confirmando o estereótipo de que o



indígena é um sujeito arredio e preguiçoso. Uma visão que impera desde os tempos das expedições pelos rios da Amazônia. Arminto, narrador-personagem, em um momento de rememoração da vida farta de outrora, traz à tona a história da indígena. “Dizia Amando que era uma cunhatã de confiança, e que ele respeitava e até ajudava as pessoas de confiança. Essa moça me criou. A primeira mulher na minha memória. Florita” (Hatoum, 2008, p. 69).

O universo amazônico, a cosmogonia, o insólito e o imaginário são introduzidos por Florita na narrativa. A voz que conduz as outras personagens, direta ou indiretamente, a quem tudo está ligado. A proximidade de Arminto Cordovil com os indígenas, os mitos, as histórias orais que chegavam à beira dos barrancos eram apresentadas e explicadas por Florita. Embora, essa, em específico, não seja a personagem principal, sobretudo por sua condição de subalternidade, ela cumpre o seu papel fundamental de conduzir a construção narrativa na arquitetura da novela, principalmente no que tange o mundo amazônico.

A voz da mulher atraiu tanta gente, que fugi da casa do meu professor e fui para a beira do Amazonas. Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava para o rio. Não lembro o desenho da pintura no rosto dela a cor dos traços, sim: vermelha, sumo de urucum. Na tarde úmida, um arco-íris parecia uma serpente abraçando o céu e a água. Florita foi atrás de mim e começou a traduzir o que a mulher falava em língua indígena; traduzia umas frases e ficava em silêncio, desconfiada. Duvidava das palavras que traduzia. Ou da voz. Dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na Aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas (Hatoum, 2008, p. 11).

Florita traduzia as histórias dos encantados, sabia dos encantos, do imaginário, das tradições, era a voz da floresta, a voz que falava da ancestralidade e que conectava os mundos.

Florita traduzia as histórias que eu ouvia quando brincava com os indiozinhos da Aldeia, lá no fim da cidade. Lendas estranhas. Olha só: a história do homem da piroca cumprida que atravessava o rio Amazonas, varava a ilha do Espírito Santo e fígava a moça lá no Espelho da Lua (Hatoum, 2008, p. 12).

A indígena, meio irmã, meio mãe e meio amante, é o rito de passagem de Arminto, tanto no plano do real, já que é ela quem o cria como filho, quanto no mundo carnal, uma vez que, é com ela sua primeira vez; e do mundo do imaginário, já que ela é a conexão entre os mundos de Arminto Cordovil e o imaginário; Florita está no lugar de fronteira.

No texto “A manifestação do insólito no conto Noturno das águas fundas, de Peregrino Júnior”, do livro *Escritos das Margens e suas vozes* (2021), as professoras Mara



Genecy Centeno Nogueira e Giselle Silva Costa falam do imaginário amazônico na construção das obras de literatura de expressão amazônica:

como forma de representação, os elementos do imaginário local, vão além das fronteiras traçadas rigidamente que demarcam os limites do natural e do sobrenatural, trazendo marca do testemunho, da localização geográfica e/ou temporal do evento narrado que, por fim, indicam a finalidade de garantir veracidade do acontecimento (Nogueira; Costa; 2021, p. 137).

Corroborando, assim, com as palavras de João Jesus de Paes Loureiro (2018, p. 116-117), no que diz respeito a uma:

[...] espécie de fraternidade cósmica, no sentido de que o homem de qualquer lugar da Amazônia sente-se ligado à região como um todo, à sua sociedade, a um além-de-tudo que está sob meu olhar, por via desse universo imaginal estetizador e povoado de formas estetizadas. Como se estivesse identificado sob a ação dessa função mítica transversal e transsubstanciadora do mundo dado em um outro idealizado, em que a existência se realiza num plano estetizado superior e de remotas e recorrentes origens. Um cosmo significante nascido no deslumbramento devaneante do homem, na convivência com ventos, estrelas, águas, matas, chuvas, tempos concretos, vagas distâncias, encantamentos e desencantamentos do mundo.

Neste espaço, a mitologia reaparece resultando em linguagem própria da fabulação, descortinando as lendas, fazendo com que o sobrenatural se torne natural, faça parte da vivência, do cotidiano, dos sujeitos que compõem este espaço. “Eu tinha uns nove ou dez anos, nunca me esqueci. Alguém ainda ouve essas vozes? Fiquei cismado, porque há um momento em que as histórias fazem parte da nossa vida” (Hatoum, 2008, p. 13). Ao recordar as lendas que eu ouvira desde criança e que fora traduzida ou contada por Florita, Arminto recorda de tudo o que aprendera com a personagem indígena, desde a infância até a fase adulta. Lembra que sua vida foi tecida por mulheres: a que lhe fez o papel de mãe e amante, Florita e Dinaura, a mulher dos seus sonhos e sua perdição: “Uma das cabeças me arruinou. A outra feriu meu coração e minha alma, me deixou sozinho na beira desse rio, sofrendo, à espera de um milagre. Duas mulheres” (Hatoum, 2008, p. 13), Florita e Dinaura, os seres que traçam seu destino, dois braços de rios que o levam para algum lugar.

Florita ocupa o entrelugar, o quase, não está fixa em lugar algum, a sua posição é movediça, fora batizada no Cristianismo e educada para servir a família. Além do mais, conhecia os segredos, era a intérprete dos sonhos: “Abandonar Florita? Como eu podia abandonar a intérprete dos meus sonhos” (Hatoum, 2008, p. 34). Ela os sabia como presságio ou o aviso necessário ao livramento das auguras. No entanto, ao final o destino de Florita é



traçado como a de tantas outras indígenas subalternizadas nessa relação de poder, a morte solitária e o esquecimento.

2.2 Florita, a voz que vem da floresta: o imaginário e os sujeitos amazônicos

O imaginário faz parte da construção dos sujeitos amazônicos. As crenças “ultrapassam as fronteiras entre o real e o irreal, legitimando, pelo viés dessa perspectiva os sentidos da cultura e da identidade de um povo” (Nogueira; Costa; 2021, p. 139), embora essa identidade seja desafiada, uma vez que pelo processo de aculturação dos povos originários muito de sua ancestralidade se perde ou é passível de apagamento, principalmente, no que diz respeito ao conceito de modernidade eurocêntrica pautado no controle da força de trabalho, do sexo e da raça. Nesse sistema, afirma Quijano (2005, p. 124), há uma “relação umbilical entre os processos históricos que se geram a partir da América e as mudanças da subjetividade, ou melhor dito, da intersubjetividade de todos os povos que vão integrando no novo padrão”, ou seja, o processo de construção ideológico a partir da exploração do outro, o que gera estereótipos e estigmas em relação às culturas locais.

Ainda assim, nessa hileia existe uma resistência ou uma simbiose entre as culturas dos que vieram de fora e dos nativos, pois, “coabitando, convivendo, deparando-se com o surreal com contíguo à realidade, o homem amazônico navega culturalmente num mundo *sfumato* que funde os elementos do real e do irreal numa realidade única da qual o poético vibra e envolve tudo em sua atmosfera” (Loureiro, 2018, p. 62). Em uma de suas recordações, assaltos da memória, Arminto lembra-se da vez em que chegou à casa de seu pai e encontrou somente a indígena.

Soube que meu pai não estava em casa porque Florita, só de camisola, me deu um abraço espremido, demorado. Senti as mãos fortes passeando nas minhas costas, abaixei a cabeça e cochichei: Os caseiros têm faro de cachorro. Olha só o que deu nossa tarde de brincadeira. Ela afroxou as mãos e me olhou com um sorriso sem culpa: Não queres mais? Foi só aquela tarde? Aquela tarde seria o motivo de ciúme para uma vida inteira (Hatoum, 2008, p. 25).

Florita é a primeira mulher na lembrança de Arminto, é o princípio. A passagem abrupta da inocência para malícia, a despedida da juventude virgem. É ela a conexão de Arminto com o imaginário, dos avisos, da cautela. Arminto se vê apaixonado por Dinaura e é Florita quem o alerta:



Florita foi avergiar na porta do colégio e voltou com um sorriso engasgado, de maldade disfarçada. Disse que só meu pai conseguia falar com madre Carminal, só ele era recebido pela espanhola. Os dois se entendiam. Esquece aquela moça. Esquece antes de chegar a hora da tristeza. A hora da tristeza?, perguntei. Ela não vai ser tua mulher. Nunca vai ser amada quem não é de ninguém. Florita tinha um jeito curioso de ser ciumenta; e, como eu me impressionava com o que me dizia, ficava sem fala diante dessa mulher que cuidou de mim como uma mãe (Hatoum, 2008, p. 37-38).

No fundo, Florita gosta de Arminto, como filho e como amante; e tenta protegê-lo do mundo, dos castigos do pai e dos encantamentos de Dinaura. A indígena é peça importante no jogo narrativo hatouniano, principalmente, por carregar esse duplo, a dupla faceta de amante e mãe, de detentora dos segredos e dos mistérios. Como um sujeito de mistérios, carrega em si o cerne do lugar secreto que é a Amazônia, a origem de tudo, a ceiva, a sabedoria e o paraíso. Para uns o inferno, para outros paraíso.

A história de amor entre Arminto e Dinaura perpassa pela história de Florita, que no fundo sabia do encantamento da moça, a cunhatã sabia ou sentia o prenúncio das dores da solidão e rejeição sob o filho-amante. A crença de Florita em relação a Dinaura é a mesma dos populares da região, de que a moça era um ser encantado que havia enfeitiçado Arminto, com o objetivo de levá-lo para uma cidade no fundo do rio, calada como era “surgiam rumores de que as pessoas caladas eram enfeitiçadas por Jurupari, deus do Mal” (Hatoum, 2008, p. 35). Essa relação mítica é o elo entre Florita e Arminto e a própria narrativa. As lembranças das lendas e histórias que ele viveu, rememoradas na velhice, são vinculadas à memória da indígena.

3 O estatuto da personagem

Em *Pessoas de Livro* (2015), Carlos Reis, retomando um conceito de Maria Sara, fala da liberdade e da autonomia que a personagem tem em relação à obra narrada, que uma vez estabelecida é incontável pelo próprio autor. Nisso, temos a figuração, processos “constitutivos de entidades ficcionais de feição antropomófica, conduzindo à individualização de personagens em universos específicos, com os quais essas personagens interagem” (Reis, 2015, p. 121). Esse processo de figuração dá à personagem uma sobrevida, uma dupla percepção, um lugar de destaque, ainda que no enredo esta não exerça um papel de protagonista, a personagem assim configurada toma um destaque no texto ficcional.



O romance contemporâneo se afasta das tradições anteriores, sobretudo das análises preteridas pela crítica tradicional. Se antes havia um lugar fixo para cada categoria narrativa, os estudos atuais demarcam essas categorias dialogando nas obras e entre si. Como afirma Leyla Perrone-Moisés em *Altas Literaturas* (1998, p. 154) “a linguagem original readquire seu sentido de poiesis”, ou seja, uma técnica sem perder o mistério, a curiosidade em relação à história narrada, “na poesia como na prosa, o resultado não depende apenas da inspiração, mas de uma técnica que precisa ser aprendida e desenvolvida, e a partir daí, reinventada e nova” (Perrone-Moisés, 1998, p. 154). A construção de uma personagem que não é central, mas exerce um papel primordial no romance aqui analisado revela esse trabalho técnico da contemporaneidade, sem perder a estética que a literatura enseja e sem deixar escanteada a necessidade de sublimação que permeia e dá sentido à obra literária.

4 Conclusão

Florita não é configurada como personagem central da novela *Órfãos do Eldorado* (2008), é uma indígena, empregada, mãe-amante, violentada e subalternizada como tantas outras que possuem a sua mesma condição, seja no ambiente do real ou ficcional. No entanto, a forma como foi arquitetada dentro da novela nos permite dar a ela um grau de importância, uma vez que toda a narrativa perpassa, também, por sua vivência. É ela a voz que vem da floresta e é a ela devemos o conhecimento do mítico, dos seres, da mata, dos segredos, dos cuidados e das virtudes; e como toda subalterna em condição de entrelugar: “Morreu assim de repente, que nem Amando. Foi velada na capela do Carmo, em respeito ao meu pai. Chorei que só diante do jazigo da família. O último choro da minha vida. A morte de Florita rompeu os laços com o passado” (Hatoum, 2008, p. 94). Ela era o elo, a ligação, o laço com o passado. Agora, Arminto “era o passado e o presente dos Cordovil”.

Detentora dos segredos e conhecedora dos mistérios que urdem da floresta, a indígena pressentia o encantamento o qual foi tomado Arminto em relação à Dinaura. A intérprete dos sonhos e das histórias que ecoam das matas encharcadas da Amazônia, era uma espécie de moira a fiar as memórias do órfão solitário. A morte da cunhantã finda um ciclo, rompe laços, desnuda a memória, deixa órfão o próprio órfão.

A complexidade da personagem Florita nos leva a um lugar de destaque, uma posição central na arquitetura da novela hatouniana, uma voz que entremeia toda narrativa.



Florita, Domingas, Naiá, personagens limitadas por sua condição servil, pertencentes a lugar nenhum, são elementos que dão liga às histórias rodeadas de memória, da presença dos mitos, das tradições e da cosmogonia amazônica. Assim, a personagem cumpre um papel relevante nos estudos de literatura, “pode-se dizer que é o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna” (Candido, 2014, p. 54) em conjunto com outros elementos é responsável pela força e eficácia do romance.

Referências

- CANDIDO, A. A personagem do romance. *In*: CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 52-80
- HATOUM, M. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- HATOUM, M. **Dois Irmãos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- HATOUM, M. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.
- LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cultura Brasil, 2015.
- NOGUEIRA, M. G. C.; COSTA, G. S. A manifestação do insólito no conto noturno das águas fundas, de Peregrino Junior. *In*: SAMPAIO, S. M. G.; NOGUEIRA, M. G. C.; PISSINATTI, L. G. (org.). **Escrito das margens e suas vozes**. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO, 2020. p. 137-149
- QUIJANO, A. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.
- PERRONE-MOISÉS, L. **Altas literaturas**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- PIZARRO, A. **Amazônia**: as vozes do rio: imaginário e modernização. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- REIS, C. **Pessoas de livros**. Estudos sobre a personagem. 2. ed. Coimbra: Impressa da Universidade de Coimbra, 2015.